



Confronto

Por: Kelley Armstrong





## Is fanfics

CNK 80Q3... Uma placa de um carro. Foi a última coisa que Mia viu antes de acordar e sentar na cama meio atordoada no meio da madrugada.

– Pelo menos não foi tão ruim quanto o pesadelo da noite passada... – disse para si mesma depois de alguns instantes respirando ofegante e enquanto esticava a mão para acender a luz do abajur.

Foi quando seu pé esbarrou em alguma coisa e ela olhou rapidamente para o final da cama. O susto do pesadelo não foi nada comparado ao susto de ver aquela pessoa desconhecida sentada na sua cama, imóvel como uma estátua, olhando, aparentemente, para o nada. Muito bizarro. Antes que ela pudesse dizer ou fazer qualquer coisa, ele se virou e perguntou:

– Sonho ruim?

Em uma situação como aquela, o normal seria gritar, espernear, chutar, sair correndo ou até desmaiar. Tinha um estranho dentro do quarto de Mia, sentado em sua cama, falando com ela e, no entanto, no momento em que viu o rosto do estranho, com aquele olhar tão



De repente, Mia caiu em si e percebeu como aquilo era estúpido. Ela tinha que se defender e não ficar batendo papo com alguém que poderia ser um potencial psicopata pronto para matá-la ali mesmo.

Num gesto instintivo e rápido, ela pulou da cama, abriu a gaveta do criado-mudo, pegou o spray de pimenta e se virou para o estranho gritando:

– Bela tentativa! Não se mexa ou eu juro que...

Mas, algo ainda mais estranho tinha acontecido e ela parou de falar. O estranho invasor simplesmente havia desaparecido do quarto. Como se tivesse desaparecido no ar.

Mia ficou alguns instantes parada sem entender o que tinha acabado de acontecer. Olhou em volta. Correu e acendeu a luz do quarto. Só havia ela naquele lugar. O estranho realmente havia saído, de alguma forma, que ela não sabia explicar. Também não sabia explicar como ele havia entrado em seu quarto e por qual motivo tinha ficado ali parado, provavelmente há muito tempo, esperando que ela acordasse só para assustá-la daquele jeito e falar coisas sem sentido. Será que aquilo havia sido parte do sonho? Não. Tinha certeza que não havia imaginado aquela situação por mais que quisesse que fosse só mais um pesadelo. Eles estavam ficando cada vez mais frequentes e esquisitos mesmo...

De repente, um arrepio correu pelo seu corpo quando uma ideia passou por sua cabeça. Ela ficou olhando para a cama sem piscar enquanto tentava conter o tremor provocado pelo medo, adrenalina, o que quer que fosse aquela sensação. Se aproximou, se abaixou com os olhos fechados e afastou o lençol para que pudesse ver se tinha alguém



era só o despertador avisando que eram 6 horas da manhã. Hora de levantar e ir pra faculdade...

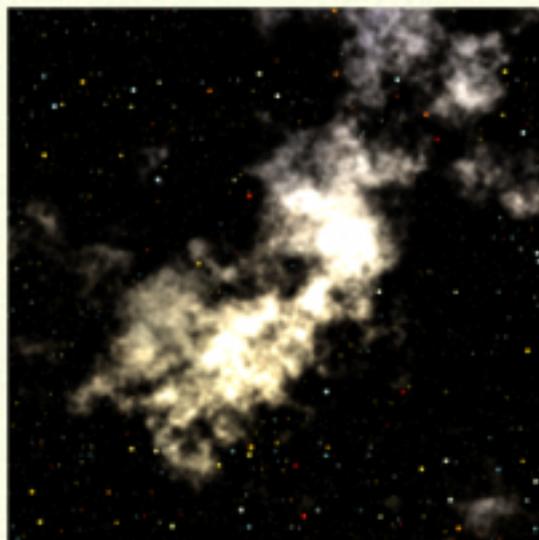
– Droga... – resmungou indo desligá-lo e aproveitando para guardar o spray de pimenta na gaveta.

Deu mais uma olhada ao redor para se certificar de que realmente estava sozinha e em seguida foi para o banheiro.

Se olhou no espelho e acabou rindo de si mesma.

– Patética... Além de pesadelos, agora você também tem alucinações, Mia? – perguntou para o seu reflexo. – Vai ver que eu estou ficando louca mesmo... – afastou os cabelos longos do pescoço e tirou um colar, na verdade uma espécie de amuleto que ganhou há alguns anos, e que sempre usava. Começou a tirar o pijama. – Bem... Mas pelo menos uma coisa não dá pra negar... Até que o estranho era bonitão. Com aquele sobretudo...

Terminou de tirar a roupa e entrou no chuveiro enquanto tentava esquecer o que havia ou não acontecido naquela estranha madrugada. E o dia estava só começando...



Mia tirou os fones dos ouvidos e parou em frente ao Campus da Universidade. Havia uma concentração atípica de pessoas ali, carros de polícia por todo o lado e faixas bloqueando a entrada do prédio. Algo estava errado.

– Você já soube???

Mia virou assustada, mas logo reconheceu o amigo Ric com quem estudava ali e relaxou.

– Não. O que aconteceu?

Ric colocou o braço em volta de Mia e os dois começaram a caminhar juntos em direção a multidão de curiosos.

– Nosso professor, o Sr. Jones, foi encontrado morto na sala dos professores esta manhã.

– Como assim “morto”? O que aconteceu?

– Bem que eu queria saber o quê exatamente aconteceu, mas parece que nem a polícia sabe. Tanto que o FBI já está aqui. – disse indicando com a cabeça dois homens com ternos pretos mais adiante – Eles acabaram de sair do prédio e estão conversando com os tiras de novo. Bem que eu queria me aproximar só mais um pouquinho pra escutar o que eles estão falando. A faxineira que encontrou o corpo está em estado de choque...

– O que ela viu exatamente?



– Sangue por toda a parte. Partes do corpo por toda... a parte... – Ric estava assustado com suas próprias palavras e com o efeito que elas faziam no rosto de Mia. Ela estava ficando branca como papel. – Você está bem?

– Sim... Eu acho. É que é estranho...

– Estranho e bizarro. E cruel.

– Quem fez isso? E por quê?

– Vai soar ainda mais estranho, mas segundo a faxineira, a porta estava trancada por dentro. Quem quer que tenha feito isso, entrou e saiu como um... fantasma.

Mia subitamente voltou ao normal quando ouviu a palavra fantasma e deu um sorriso de deboche para o amigo.

– Fantasma? Sério?

– Qual é, Mia? Vai dizer que você não acredita nessas coisas? Não era você que quando era criança via...

– Não! – interrompeu com rispidez deixando claro que não queria tocar naquele assunto.

Ric percebeu que ela não tinha gostado e se calou constrangido. Ela continuou:

– E eu não via. Eu sonhava. Mas era tudo ilusão, imaginação, sei lá. Depois que eu cresci aprendi que não existe nada de sobrenatural neste mundo. E eu não sei por que eu te contei aquelas coisas...



Ric sorriu e tentou desviar o assunto:

– Porque você estava muito bêbada naquela noite?

Os dois riram lembrando disso, enquanto Mia observava os dois caras do FBI se afastando do prédio em direção a um carro...

– Desde quando o FBI dirige um... Impala? – perguntou admirada.

– Sei lá. Mas com certeza esses dois aí não são como os outros. Eles têm estilo.

Mia riu do comentário, mas em seguida ficou intrigada ao observar o carro se aproximando do local onde os dois estavam parados. Olhou a placa. CNK 80Q3. O Impala passou pelos dois e Mia o seguiu com os olhos.

– Tem certeza que você está bem? – preocupou-se Ric. – Por que você não volta pra República e descansa um pouco? Mais tarde eu passo lá pra gente estudar pra prova de amanhã. Se é que vai ter aula amanhã com tudo isso que está acontecendo...

– Ok. Te vejo mais tarde então... – concordou Mia se afastando de Ric e andando em direção à República enquanto via o Impala seguindo na estrada logo a frente.

De repente Mia parou de caminhar. Não podia voltar para a República. Não depois de ter visto aquela placa. E não depois de ter omitido de Ric que havia sonhado não só com aquele carro, mas também com um violento assassinato, uma noite antes, em circunstâncias bem parecidas com o que aparentemente aconteceu com o seu professor.



Talvez ela não quisesse acreditar no sobrenatural, mas também não acreditava em coincidência. Alguma coisa estava errada e ela queria descobrir o que era. Tinha que descobrir quem eram aqueles caras do FBI e por que apareceram no seu pesadelo.

Fez sinal para um táxi que passava e entrou.

– Siga aquele Impala. – ordenou.

Algum tempo depois, o carro parou em um Hotel, os dois caras desceram e em seguida entraram em um dos quartos. Mia permaneceu no táxi por mais alguns minutos, observando à distância, antes de dispensar o taxista. Se aproximou pouco a pouco do Hotel, tomando cuidado para não ser vista, se escondendo atrás de carros, se esgueirando pelos cantos até ficar bem próxima a uma das janelas do quarto. Se abaixou e olhou em volta. Estava tudo aparentemente tranqüilo e sem ninguém por perto. Mesmo assim, achou melhor se esconder perto da outra janela, que ficava em um canto estratégico. Não seria vista ali por ninguém e poderia ouvir e ver tudo o que acontecesse ali dentro.

Levantou um pouco a cabeça para ver dentro do quarto. Os dois caras tinham trocado de roupa. Não usavam mais os ternos, mas roupas comuns. O cara mais alto, e cabeludo, estava sentado pesquisando alguma coisa em seu laptop. O outro foi até a pequena geladeira e pegou duas garrafas de cerveja. Logo, se juntou ao mais alto e os dois começaram a beber.



– Definitivamente não eram Cães do Inferno. Portas e janelas intactas. – disse Dean  
– Os boatos sobre essa cidade devem ter sido só boatos. Parece que ninguém fez nenhum pacto por aqui nos últimos dez anos. O que você encontrou?

Mia ficou confusa com aquelas palavras. Definitivamente, não parecia conversa do FBI.

– O Professor Jones tinha uma carreira e vida pessoal invejável. Mas um passado meio... – Sam virou o laptop para Dean ler a matéria.

– “Professor envolvido em escândalo sexual com aluna.” – leu Dean

– Nada ficou provado e a aluna, Mary Collins, cometeu suicídio há três meses.

– Então, temos um fantasma querendo vingança? Mas por que agora? Por que esperou três meses?

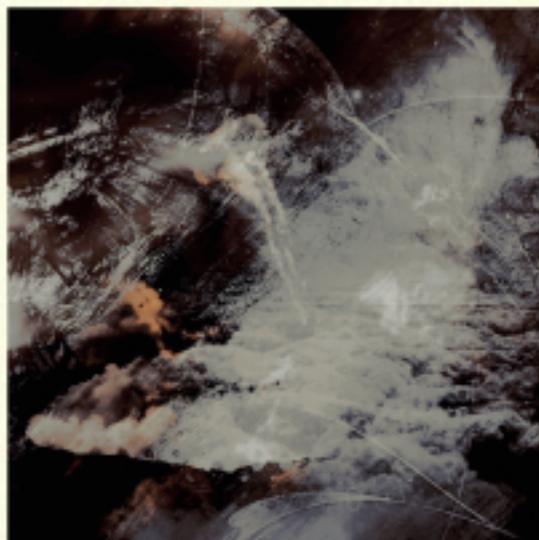
O celular de Mia começou a vibrar e ela abafou o barulho pressionando-o dentro do bolso.

– Ouviu alguma coisa? – perguntou Dean.

Os dois olharam para a janela, mas Mia se abaixou a tempo. Pegou o celular. Tinha uma ligação de Ric.

– Agora não... – sussurrou para si mesma desligando o celular.

Esperou alguns instantes antes de voltar a espiar pela janela.



Mia ainda tentava digerir a ideia do seu professor envolvido com uma aluna, quando Dean levantou, pegou uma faca esquisita e foi até a janela. Ela se encolheu o máximo que pode enquanto Dean olhava em volta.

- Tem certeza que não ouviu nada, Sam? Talvez o desgraçado do Crowley tenha nos seguido até aqui ou -

- mandado algum demônio no lugar dele.

Mia estava apavorada. Qualquer ruído a denunciaria e como explicaria para aqueles caras por que ela estava ali? Nem ela mesmo sabia por que tinha feito aquilo e ouvindo aquela conversa esquisita entre os dois já estava um pouco arrependida. Por que o FBI estava interessado em um fantasma de uma aluna? Fantasmas não existem.

- Dean, eu tenho certeza que ele não nos seguiu. Ele sabia que não havia Cães do Inferno nessa cidade. Ele é o Rei do Inferno, esqueceu? Ele saberia se alguém dessa cidade tivesse feito um pacto daqueles.

Dean se afastou da janela e sentou com Sam novamente.

- Você tem razão, Sammy. Pelo visto seguimos uma pista falsa.

- Mas isso não quer dizer que não tenha um trabalho aqui. Olha isso. - disse Sam virando o laptop novamente para Dean. - O Sr. Jones se mudou para esta cidade há três meses. E essa era a cidade natal de Mary Collins.

- Eu acho que ela não deve ter gostado muito do seu professor ter escolhido o lugar onde ela nasceu para assediar outras alunas.



– Provavelmente não.

– Por favor, me diga que ela também foi enterrada aqui. – disse Dean.

– Sim. Cemitério local.

– Ótimo. Então vamos desenterrar, salgar e queimar um corpo! – disse Dean se levantando, enquanto Sam guardava o laptop.

Mia estava cada vez mais chocada com aquela conversa. Cães do Inferno? Demônios? Rei do Inferno? Fantasma? Queimar corpos? Pra que tipo de departamento do FBI aqueles caras trabalhavam?

– Eu sei que você está decepcionado, Dean. Mas nós vamos encontrar uns Cães do Inferno por aí e matá-los mais cedo ou mais tarde.

– E depois? Qual vai ser a próxima etapa pra fechar as portas do Inferno de uma vez por todas? E como vamos matar esses malditos cachorrinhos se nem ao menos conseguimos vê-los?

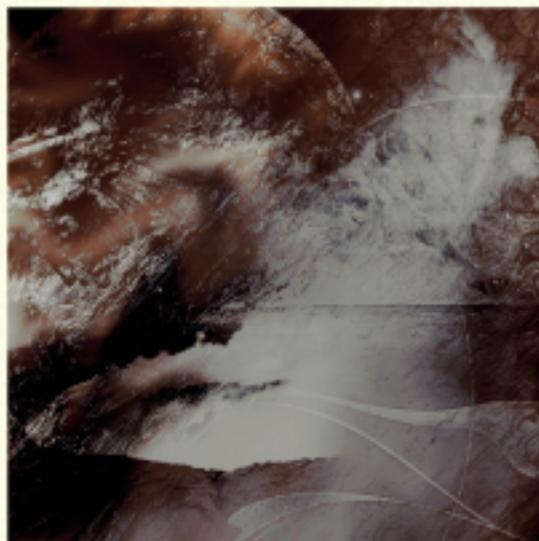
– Eu não sei, Dean. Mas vamos dar um jeito. Como sempre fazemos.

Ficaram em silêncio por um tempo, até que Dean foi até a geladeira e pegou mais duas cervejas dizendo:

– Tudo bem. Vamos fazer o que temos para fazer nesta cidade e depois dar o fora.

– Ok. Vamos esperar anoitecer para ir até o cemitério, fazer o que tem que ser feito e depois vamos embora dessa cidade.

Cada um sentou em uma cama e beberam a cerveja sem dizer nada, até



– Tem uma lanchonete nesta cidade que dizem ter o melhor hambúrguer da região. Antes de darmos o fora daqui, podemos...

– Claro, Dean. – concordou Sam sorrindo.

Depois de um tempo, eles deitaram e dormiram. Mia se ajeitou melhor do lado de fora. Pegou uma barra de cereal dentro da bolsa e comeu. Se ia ter que esperar até anoitecer, pelo menos não ia ficar com tanta fome. Repetiu mentalmente que não poderia dormir de jeito algum. Se dormisse, ficaria vulnerável e aqueles caras poderiam encontrá-la ali. Mas o cansaço e o sono foram mais fortes e acabaram vencendo. Acordou ouvindo barulho de passos e o seu coração deu um salto.